

Veículo: UOL
Data: 23/10/09



Imposto para investidores estrangeiros atinge também os brasileiros

Anne Dias

O governo decidiu taxar os investimentos estrangeiros no Brasil em 2%, a título de IOF. Como esta decisão afeta os investidores brasileiros? É hora de sair ou de entrar? Em maior ou menor grau, os especialistas concordam que de alguma forma os brasileiros são atingidos.

□ Num primeiro momento as ações se desvalorizam□, diz o professor de finanças da Faculdade de Economia da USP (FEA/USP), **Alexandre Assaf Neto**. E foi o que aconteceu.

No dia 20 de outubro, dia do anúncio da medida, a Bolsa de Valores caiu 2,88%.□Estrangeiro gosta de ação que está abaixo do valor justo.□

Com o tempo, continua Assaf, a decisão perde o efeito. E isso pode levar no máximo três meses. Até lá o que pode acontecer é a Bolsa ficar oscilando.

O Brasil ainda é um porto seguro para os investidores. □A Europa está estagnada; há muita incerteza no Japão, e os Estados Unidos estão tentando se recuperar□, afirma Assaf. Portanto, os estrangeiros que saíram ou deixaram de investir por aqui voltam.

E, além da Bolsa, o estrangeiro ainda tem outras alternativas, como os títulos públicos federais, com juro começando em 8,75%, o básico da economia.

O professor da Faculdade de Economia e Administração da USP (FEA/USP), Luiz Jurandir Simões, aponta o reflexo da cobrança do IOF nos juros da renda fixa.

□ Houve um aumento médio de 0,4% ao ano na renda fixa□, diz Simões. Pode parecer pouco, mas no acumulado de dez anos faz diferença. □ Os bancos fazem isso para atrair investidores.□

A opinião sobre entrar, sair ou manter os investimentos em Bolsa divide os especialistas. A consultora financeira Claudia Kodja acredita que a Bolsa atingiu seu topo e que seria hora de sair. □ O Ibovespa já subiu 76% neste ano, e há muito capital especulativo na Bolsa□, diz Claudia.

Já Reginaldo Alexandre, presidente da Associação dos Analistas e Profissionais de Investimento do Mercado de Capitais (Apimec-SP) afirma o contrário. □ Bolsa é investimento de longo prazo. Quem está lá não deve sair por conta dessa mudança□, afirma.

Veículo: Estratégia e Mercado - Blog
Data: 25/10/09

Estratégia e Mercado

Missão do blog: fornecer informações úteis e dicas atualizadas sobre o mercado financeiro, imóveis, finanças pessoais, negócios, empreendedorismo e biocombustíveis.

Os novos gigantes

Por: Fernando Ladeira

O ICON, índice que reúne empresas do setor de consumo, atingiu a menor cotação do ano no início de março. Desde então, o índice não para de subir, valorizando cerca de 80% até outubro. O valor de mercado das empresas que o compõem, de aproximadamente R\$ 220 bilhões, representou 13,78% do Ibovespa em setembro e tende a crescer mais. Também não é para menos! Fazem parte da tribo as novas gigantes do consumo, entre elas AmBev, BR Foods, JBS Friboi, o Grupo Pão de Açúcar e Lojas Americanas, que acumulam participação próxima de 55% do ICON. O ponto que une essas empresas é uma estratégia ousada de aquisições e fusões, processo cada vez mais comum entre companhias de todos os setores.

Miguel José Ribeiro de Oliveira, vice-presidente da Anefac (Associação Nacional dos Executivos de Finanças, Administração e Contabilidade), diz que essa é uma tendência do mundo globalizado. □ Com a união, elas ficam mais fortes para sobreviver no mercado. Separadas, ficam enfraquecidas□, afirma. Ele diz, ainda, que quem sai ganhando com isso é o acionista, uma vez que, assim, a empresa terá maior poder de barganha e mais facilidade para acesso ao crédito, além de reduzir custos.

Entre as empresas deste grupo, destaque para aquelas ligadas ao ramo alimentício. Apenas neste ano, foram formadas algumas gigantes de importância tanto no mercado doméstico quanto no mercado global. Com a união entre Sadia e Perdigão, originou-se a Br Foods, terceira maior exportadora do País. E ela está bem cotada no exterior. Entre os acionistas minoritários, a participação estrangeira, com 33,4% do capital social, é apenas 0,5% menor que a dos investidores domésticos. Outra empresa do ramo, o Grupo Pão de Açúcar adquiriu a Ponto Frio em junho deste ano, tornando-se a maior empresa do varejo brasileiro. Apenas dois meses após a aquisição, suas ações valorizaram 25%. A Marfrig, por outro lado, com uma tática agressiva de expansão, adquiriu 37 empresas em três anos. Suas ações comportam-se com grande volatilidade. Em junho de 2008 atingiu a máxima de R\$ 23,60 e, logo em seguida, a mínima de R\$ 6,25 em fevereiro de 2009. Hoje ela opera próxima ao nível pré-crise. No entanto, não faz parte do Ibovespa.

O mais novo gigante - O grande nome do ano, porém, é JBS Friboi. Com a aquisição da Pilgrim's e a associação com a Bertin, em setembro deste ano, além de outras 26 aquisições nos últimos dez anos, ele tornou-se o segundo maior grupo privado do País, atrás apenas da mineradora Vale. □ As aquisições só foram possíveis graças ao financiamento do BNDES. E, enquanto houver financiamento, elas continuarão acontecendo. Apesar de que o espaço para crescer está se reduzindo□, afirma Oliveira. Duas semanas após os negócios com a Pilgrim's e com a Bertin, a empresa já valorizava 15% na Bolsa. E apesar de seu tamanho ter aumentado significativamente, sua participação no Ibovespa ainda é pequena perto de empresas cujas receitas são menores. Para se ter ideia, no pregão de 14 de outubro, enquanto a representação da JBS no Índice era de 0,71%, da Lojas Americanas era de 0,96% e da Lojas Renner, de 0,88%. A tendência, porém, é de que essa participação aumente. □ Inevitavelmente a empresa irá se capitalizar na Bolsa, pois precisa de mais recursos para investir□, explica Oliveira.

De setembro de 2008, quando a crise financeira eclodiu, até o início de outubro deste ano, as ações da JBS valorizaram 41%, enquanto o Ibovespa apreciou apenas 9,6%. □ As ações

podem subir por euforia do mercado, mas, em algum momento, ela pode cair", alerta Assaf, diretor do **Instituto Assaf** e professor da Fipecafi (Fundação Instituto de Pesquisas Contábeis, Atuariais e Financeiras). Para ele, a empresa mostrou nos últimos anos que possui grande potencial e boa reserva de caixa, entretanto, ainda não esclareceu como administrará todo esse império. "O objetivo dela agora é tomar conta dos negócios. No futuro, porém, a tendência é continuar crescendo", complementa Assaf.



Digital Assessoria
Comunicação Integrada